



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**



MARA RUTH PEREIRA VALE

**UMA ANÁLISE DO FEMINISMO NO ROMANCE ANNE DE GREEN  
GABLES, DE LUCY MAUD MONTGOMERY**

Monsenhor Gil – PI

2024

MARA RUTH PEREIRA VALE

**UMA ANÁLISE DO FEMINISMO NO ROMANCE ANNE DE GREEN  
GABLES, DE LUCY MAUD MONTGOMERY**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Orientador(a): Prof. Me. Francisca Maria de Figueirêdo Lima

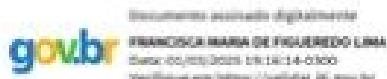
Monsenhor Gil – PI  
2024

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### **UMA ANÁLISE DO FEMINISMO NO ROMANCE ANNE DE GREEN GABLES, DE LUCY MAUD MONTGOMERY**

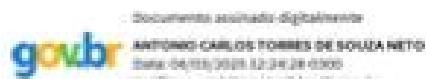
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM 24/01/2025**

#### BANCA EXAMINADORA



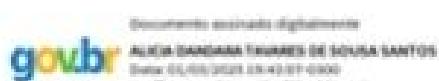
---

**Profa. Dra. Francisca Maria de Figuerêdo Lima  
Presidente**



---

**Profa. Me. Antonio Carlos Torres de Souza Neto  
Membro**



---

**Profa. Ma. Alicia Dandara Tavares de Sousa Santos  
Membro**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado mais uma chance para concluir esse curso e me dotou de capacidade para isso.

A meu querido esposo por seu incondicional apoio em exatamente tudo, sua paciência e sua ajuda em formatar esse trabalho.

À minha filha, que mesmo sem se dar conta é meu farol norteador em tudo nessa vida.

A meus pais que me ensinaram que o estudo abre portas e aos meus sogros que se tornaram como pais para mim.

A Universidade Estadual do Piauí pela oportunidade de subir mais esse degrau e por ter me aberto o novo e incrível mundo das Letras.

A professora Francisca Maria de Figueiredo Lima pela hábil e importante orientação, sem ela com certeza não teria conseguido.

“Eduquem-se os homens e construir-se-ão cidades, barragens, estradas, mas o povo permanecerá imerso na ignorância”. Eduquem-se as mulheres e imediatamente aumentará o nível da massa do povo. Descobriu-se no século XX que o ritmo de desenvolvimento de um povo depende diretamente do ritmo de desenvolvimento de seu elemento feminino.

(Rose Marie Muraro)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e aprofundar a compreensão a cerca do feminismo e ideias feministas segundo Gerda Lerner e Simone de Beauvoir, presentes no romance conhecido mundialmente *Anne de Green Gables*, escrito pela autora canadense Lucy Maud Montgomery e publicado no ano de 1908. Esse trabalho tem como propósito evidenciar o sofrimento e discriminação que as mulheres enfrentam ao longo da História, além de mostrar a persistência da desigualdade de gênero, que adquire problemáticas variadas, haja vista a pouca atenção e tempo que são dedicados à compreensão do assunto por se tratar de uma temática considerada polêmica.

**Palavras chaves:** desigualdade, direitos femininos, subordinação, patriarcado, feminismo, gênero, mulher, literatura

## **Abstract**

This present work to analyze and deepen the understanding of feminism and feminist ideas like Gerda Lerner and Simone de Beauvoir, present in the world-famous novel Anne of Green Gables, written by Canadian author Lucy Maud Montgomery and published in 1908. This work aims to highlight the suffering and discrimination that women face throughout history, in addition to showing the persistence of gender inequality, which acquires varied problems, given the little attention and time that are dedicated to understanding the subject because it is a topic considered controversial.

**Key words:** inequality, women's lawers, subordination, patriarchy, feminism, gender, woman, literature

## **Lista de Imagens**

- Figura 1.** Mostra a Universidade Dalhousie, em Halifax, Nova Escócia. Universidade onde Lucy Montgomery se graduou em Literatura. Essa fotografia é relevante pois o fato de Montgomery ter ido para a Universidade, se formado e ter tido uma carreira profissional mostra claramente o comportamento fora dos padrões de Montgomery, uma vez que pouquíssimas mulheres se graduavam em sua época e a objeção da família de Montgomery em ela estudar.
- Figura 2.** A fotografia mostra o casal Ewan Macdonald e Lucy Montgomery recém casados.
- Figura 3.** Nessa fotografia vemos o reverendo Macdonald, esposo de Lucy Montgomery ainda na juventude.
- Figura 4.** Podemos observar nessa fotografia a autora Lucy Maud Montgomery ainda na juventude.
- Figura 5.** Imagem colorizada de Evelyn Nesbit, atriz que inspirou a aparência física de Anne Shirley. Lucy Montgomery colou essa fotografia e na parede em seu quarto para descrever Anne enquanto escrevia *Anne de Green Gables*.
- Figura 6.** Retrato de Lucy Montgomery já como uma escritora famosa, no canto direito da foto vemos a assinatura pessoal da autora

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | 8  |
| <b>1. Conceituação e Evolução Histórica do Feminismo.....</b>                                       | 10 |
| 1.1    O que é Feminismo? .....   | 10 |
| 1.2    Primeira Onda do Movimento Feminista .....   | 10 |
| 1.3    Segunda Onda do Movimento Feminista .....  | 12 |
| 1.4    Terceira Onda do Movimento Feminista .....   | 14 |
| 1.5    Quarta Onda do Movimento Feminista .....   | 15 |
| <b>2. Lucy Maud Montgomery: Uma escritora feminista.....</b>  | 16 |
| 2.1    Apontamentos Bibliográficos.....   | 16 |
| 2.2    Anne de Green Gables, alter ego de Lucy Montgomery .....                                     | 20 |
| <b>3. Análise da Obra Anne de GREEN GLABES.....</b>   | 22 |
| 3.1    A mulher na sociedade em 1876 –<br>Contexto histórico da época de Anne de Green Gables ..... | 26 |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | 30 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | 32 |
| <b>ANEXOS .....</b>   | 34 |

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como propósito buscar compreender e entender a mulher no momento atual, a partir de elementos históricos que narram sobre esta no decorrer dos tempos, através da representação feminina, criada por escritoras mulheres, num contexto em que eram desvalorizadas e não podiam sequer se tornarem escritoras pois as editoras recusavam obras escritas por mulheres.

O presente trabalho trata-se de um estudo de caráter social, político e cultural, para compreender a importância dos diversos movimentos feministas e teve como metodologia empregada a análise literária e pesquisa bibliográfica. Foram utilizados como objeto de pesquisa os recursos bibliográficos, servindo-se de diversos autores, e ainda foram realizadas as devidas buscas em sites e demais fontes que se fizerem necessárias, bem como periódicos e revistas canadenses e americanas, reunindo pesquisas e análises estatísticas sobre a temática.

O objetivo geral desse trabalho foi fazer uma análise do livro *Anne de Green Gables* (1908) utilizando instrumentos conceituais feministas, tais como a ideia de Feminismo por Simone de Beauvoir (1970). Claramente a pesquisa se preocupou em fazer um apanhado histórico para expandir a compreensão desse tema pouco discutido e entender um pouco mais sobre a realidade em que as mulheres vivem e viveram.

E teve como objetivos específicos relacionar o conceito de Feminismo com o romance *Anne de Green Gables*, comparar a visão de autoras feministas com as questões contemporâneas trazidas no livro “Anne de Green Gables” além de problematizar questões sociais patriarcais na busca de compreender os estereótipos atribuídos às mulheres, fazendo referência ao Feminismo.

Por isso, afirmo ser de suma importância estudar essa temática, pois apesar de todas as conquistas feministas das últimas décadas, ainda vivemos no patriarcado. A realidade nos mostra o relatório recente da ONU (2024), ele aponta que 137 mulheres são mortas por dia no mundo por um membro da família, além disso, 3 bilhões de mulheres vivem em países nos quais o estupro no casamento não é crime, dados como abuso e assédio são alarmantes, estimativas publicadas pela OMS indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres nas Américas sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo

ou violência sexual por não parceiro em sua vida. Entre os fatores associados ao aumento do risco de ser vítima de parceiros e de violência sexual estão a baixa escolaridade, exposição à violência entre os pais, abuso durante a infância, atitudes que permitem a violência e desigualdade de gênero.

No primeiro capítulo, esta obra procurou conceituar a Feminismo e fez um apanhado histórico da criação e evolução do Movimento Feminista pelo Brasil e pelo mundo, mostrando as mudanças relevantes que aconteceram na sociedade em cada período crítico, usando diversas referências de obras Feministas que marcaram cada período. No segundo capítulo temos a oportunidade de conhecer a biografia e detalhes importantes da autora e descobri por que ela é considerada uma escritora Feminista e como sua vida pessoal e sua obra estão estreitamente interligadas. Na análise minuciosa da obra Anne de Green Gables encontramos no terceiro capítulo que buscou evidenciar aspectos da luta contra o sexíssimo e quebra de diversos padrões machistas da época pela protagonista principal. Temos ainda um panorama do contexto histórico, um desenho de como vivia a mulher em meados do século XIX, época histórica em que se passa o romance.

Inicialmente, é preciso voltar um pouco no tempo para compreender e preencher a lacuna da desinformação a respeito do que é o feminismo, principalmente nos anos onde as ideologias conservadoristas disseminaram bastante desinformação a respeito do feminismo e do que seria realmente o protagonismo feminino, como o movimento feminista teve e ainda tem um papel fundamental na sociedade contemporânea.

## 1. Conceituação e Evolução Histórica do Feminismo

### 1.1. O que é Feminismo?

A palavra Feminismo vem do latim *Femina*, que significa “mulher”. No documentário exibido pelo Netflix “O que as feministas pensam” mostra na fala de muitas mulheres retratos do cotidiano em uma sociedade patriarcal. A imagem que as pessoas têm das sufragistas e feministas são de mulheres desajeitadas e causadoras de problemas, repulsantes e associadas ao lesbianismo. Feministas são geralmente estigmatizadas como sendo anti-homens sem levar em conta toda a complexidade da luta feminina desde a Primeira Onda do Movimento Feminista.

O Minidicionário Houaiss da língua portuguesa (2010, p. 356), define o feminismo como uma “doutrina ou movimento em favor da ampliação e valorização do papel e dos direitos das mulheres na sociedade”, partindo desse conceito, percebemos que trata-se de um movimento cujo intuito é conceder ao gênero feminino o que outrora era exclusivo aos homens.

Compreendemos então que feminismo é o fenômeno social fruto da desigualdade de gênero e da privação dos direitos à individualidade feminina. Ao nos dedicarmos a esta investigação, como devemos pensar em “mulheres como um grupo” o brilhante artigo de 1979 de Joan Kelly nos mostra uma visão do conceito feminista:

“O pensamento feminista caminha para além da visão dividida da realidade social herdada do passado recente.

Nosso real ponto de vista mudou, abrindo espaço para a nova conscientização do “lugar” da mulher na família e na sociedade.”.

### 1.2. Primeira Onda do Movimento Feminista

As datas não são exatamente precisas, mas com base em artigos históricos podemos afirmar que a primeira onda do Movimento Feminista iniciou no final do século XIX e foi até o ano 1920. Inicialmente o movimento foi encabeçado por mulheres brancas e de classe média do Reino Unido e Estados

Unidos, se espalhando por vários países. O termo “primeira onda” foi cunhado por Martha Lear em 1968, na The New York Times Magazine. Refere-se à primeira explosão mundial das ideias de direitos para as mulheres, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. A Nova Zelândia se tornou o primeiro país a garantir o sufrágio feminino, graças ao movimento liderado por Kate Sheppard, isso aconteceu em 1893, porém, no Reino Unido o voto feminino só foi permitido em 1918 e, em 1919 nos Estados Unidos.

As mulheres que lutaram pelo movimento feminista na primeira onda basearam-se nos ideias iluministas da razão, liberdade, igualdade evidenciadas na Revolução Francesa e na Revolução Americana. As mulheres lutavam por direitos políticos e sociais como: direito ao voto, direito de escolher seu próprio marido, direito de estudar, direito à herança, direito de trabalhar, entre outros.

A luta das mulheres por equidade e respeito abrange todas as áreas da vida que eram oprimidas pelo patriarcado. Desde a caça às bruxas na Idade Média, que dizimou cerca de 50 mil, alguns autores alemães falam em 9 milhões de pessoas (MENSCHIK, 1977: 132) no geral eram mulheres condenadas à morte, queimadas vivas na fogueira, na Inglaterra cerca de 80% das execuções eram mulheres que praticavam a medicina tradicional com ervas naturais, eram parteiras, terapeutas, enfermeiras, e até mesmo mulheres que se escondiam nas florestas fugindo de casamentos arranjados ou maridos violentos (daí vem à figura nos contos infantis da bruxa velha morando sozinha na floresta).

Esse movimento de caça às bruxas enfatiza bastante a condição feminina antes da luta feminista, pois era um movimento de perseguição religiosa, política e social, e fazendo cumprir o rigor da lei que proibia e punia práticas de feitiçaria, a sociedade da época queimou na fogueira milhares e milhares de mulheres inocentes, a maioria delas eram mulheres inteligentes e tinham prestígio social, qualquer comportamento feminino considerado inadequado era motivo para a sentença de morte na fogueira (relembremos Joana D'Arc). Em *Woman, Church and State*, de 1893, a americana Matilda Joslyn Gage, uma escritora envolvida na primeira onda do feminismo pelo sufrágio feminino afirma que as bruxas perseguidas eram sacerdotisas de uma religião antiga em que a deusa era uma mulher, a perseguição não era apenas para eliminar a sua religião, mas para completar a quebra de qualquer espírito de independência feminina.

Em 1973, as americanas Barbara Ehrenreich e Deirdre English afirmaram

em seu livro *Witches, Midwives and Nurses: A history of Women Healers*, que as mulheres perseguidas eram curandeiras, parteiras e que praticavam medicina tradicional da comunidade, que estavam sendo deliberadamente eliminadas pelo *establishment* médico masculino, e, isso repercutiu anos mais tarde com o impedimento legal do ingresso de mulheres em faculdades de medicina.

### **1.3. Segunda Onda do Movimento Feminista**

Após a primeira onda do feminismo, as mulheres já gozavam de alguns direitos, já podiam estudar (com algumas restrições) podiam escolher seus maridos, por via de regra, tinham juridicamente acesso ao voto e ao mercado de trabalho. No entanto, em meados do século XX, em fins da década cinquenta, como escreveu Betty Friedan, em seu livro *A mística feminina*, 1971, nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, ideologias conservadoristas permeavam os livros, revistas, programas de TV, propagandas, cinemas, entre outros meios formadores de opiniões. Ideias como a mulher exclusivamente no lar, os livros e revistas retratavam estórias de mulheres que tinham uma carreira e perderam o esposo e os filhos, a moral da estória era sempre a mulher abandonar a carreira para se dedicar exclusivamente aos serviços domésticos. Filmes como Os homens preferem as loiras – 1953, fizeram uma parte mássica das mulheres pintarem seus cabelos de loiros e viverem em função da beleza e da juventude eterna, nutrindo o etarismo e a ideia da beleza feminina como mercadoria.

As mulheres trocaram as faculdades por maridos. As novas donas de casa que abandonavam o ginásio ou a universidade para casar não liam livros, liam somente revistas.

"Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita  
E uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido.

Não pensavam nos problemas do mundo além das paredes do lar e,

Felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam, orgulhosas, na ficha do recenseamento:

Ocupação: dona de casa.  
(Friedan, Betty. *A mística Feminina*. 1971. P 20).

Esse fenômeno sociológico foi percebido por Friedan que começou a notar um padrão entre as mulheres americanas, e passou a estudar profundamente e entrevistar milhares de mulheres por mais de quinze anos. Ela escreveu sobre um problema que as mulheres estavam comumente enfrentando e denominou-o de “Mística Feminina”, alguns médicos da época chamaram de “síndrome da dona de casa”. Essa condição notou Friedan, era partilhada por grande parte das mulheres americanas após anos de “volta ao lar”. Mulheres se queixavam de confusões mentais (estavam viciadas em ansiolíticos), dores e bolhas espalhadas pelo corpo, queixavam-se de uma eterna insatisfação, um vazio existencial, além de insatisfação de ordem sexual. Sentiam-se sufocadas pela rotina da vida doméstica. O New York Times, de 28 de junho de 1960 declarou: ‘Inúmeras jovens casadas, cuja educação as projetou no mundo das ideias, sentem-se sufocadas pela rotina da vida doméstica, achando-a incompatível com sua capacidade. Como todo prisioneiro, sentem-se abandonadas.”.

Esse quadro retrata o esfriamento nas ideias feministas levantadas no inicio do século XX. Friedan foi uma importante ativista dos direitos civis e feministas, o seu best seller *A mística feminina* foi o primeiro livro a marcar a Segunda Onda do Movimento Feminista. Ela escreveu que após 1949 para a americana, realização como mulher só tinha uma definição: esposa-mãe. Frieda relembrou ainda a primeira onda do feminismo:

“Não faz muito as mulheres sonhavam e lutavam pela igualdade, por seu lugar ao sol. Que acontecera aos seus sonhos? Quando decidiram renunciar ao mundo e voltar ao lar?”

(Friedan, Betty. *A mística feminina*. 1971. Pág. 35).

O modelo patriarcal desse período procurava manter as mulheres dentro de casa para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Pregavam como sendo a missão da mulher na terra. A vida parecia perfeita, porém, os dados nos mostram resultados assustadores. Houve um aumento de suicídios entre mulheres com mais de quarenta e cinco anos, hospitalização de outras em clínicas para doentes mentais, depois que os filhos saiam de casa, efeito da depressão provocada por uma vida dedicada somente aos filhos e ao lar. Milhares de mulheres eram abandonadas pelos maridos quando não conseguiam mais manter a juventude,

eram trocadas por uma mulher mais nova (fruto do etarismo nutrido pela beleza feminina como mercadoria) e ficavam em situação financeira deplorável. Como os homens mantiam todo o controle político, social e das propriedades, as relações públicas eram de subordinação.

A partir de então, as mulheres despertaram para lutar por ampliação dos direitos femininos. Em 1962 foi criado o Estatuto da Mulher Casada, permitindo que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar, como também receberam direito à herança. Nesse mesmo ano a pílula anticoncepcional chegou ao Brasil, e apesar da proibição por parte da igreja, foi um marco na liberdade das mulheres, pois antes disso, as mulheres no Brasil tinham filhos por toda sua idade fértil até entrarem na menopausa (relembremos nossas avós), sem chance para planejamento e/ou escolha.

#### **1.4. Terceira Onda do Movimento Feminista**

A terceira Onda do feminismo acontece a partir de 1990 e se estendeu até a década de 2010. Tem como característica principal a interseccionalidade, ou seja, as mulheres experimentam “camadas de opressão” causadas por gênero, raça e classe. Nesse sentido o Movimento se voltou para atender mulheres de todas as raças, classes sociais e culturais. Concentra-se na abolição dos estereótipos de papéis de gênero e na expansão do feminino para incluir mulheres com diversas identidades raciais e culturais.

Os direitos e espaço conquistado pelas mulheres na Segunda Onda do Movimento Feminista serviram como base para Terceira Onda. Entre os direitos reivindicados estão à legalização do aborto, a criação e ampliação de políticas de combate ao assédio sexual para as mulheres no local de trabalho, criação de abrigos para vítimas de violência doméstica para mulheres e crianças, programas de estudos para mulheres, inclusive mulheres negras, liberdade sexual para todos os grupos.

### 1.5. Quarta Onda do Movimento Feminista

Como fruto do momento, onde a internet evolui e se tornou o maior meio de comunicação utilizado no planeta, com mais de 5 bilhões de usuários, o feminismo na Quarta Onda do Movimento têm como característica principal o Ciberativismo, ou seja, um ativismo feminista por meio da Web. E isso tem proporcionado um grande aumento no número de adeptas ao movimento ou de mulheres que se identificam com ideias feministas.

Devido à gigantesca capacidade de alcance da internet, o feminismo na quarta onde tem sido bem diferente das temporadas passadas. Sendo assim, o “*ciberativismo feminista é fruto da tomada das redes por jovens militantes que já cresceram em meio às inovações digitais e as dominam*” (PEREZ; RICOLDI, 2019, p. 9). Nesse sentido, as redes sociais na internet, que se popularizaram no Brasil a partir dos anos 2010, potencializaram a importância da internet para o ciberfeminismo, tornando-se mais do que meio de articulação de feministas que já se identificavam com a causa antes das redes, mas criando uma forma completamente nova de atuação e consolidação do movimento.

Podemos relatar pelo menos três eventos principais que marcaram o início da Quarta Onda Feminista no Brasil: A marcha das vadias em 2011, convocada no Canadá como uma resposta à cultura do estupro, incluindo a culpabilização da vítima e a humilhação das vítimas de agressão sexual, as jornadas de junho de 2013 e o ano de 2015, conhecido como Primavera Feminista, na ocasião, mulheres foram às ruas para protestar contra diversos retrocessos advindos principalmente do parlamento e do senado. Em 12 de novembro de 2015, o periódico El País publicou “*Em outras nações, as mulheres lutam por salários iguais, no Brasil, para não retrocederem em suas conquistas*”.

## 2. LUCY MAUD MONTGOMERY: UMA ESCRITORA FEMINISTA

### 2.1. Apontamentos biográficos

O romance *Anne de Green Gables* foi escrito pela canadense Lucy Maud Montgomery, publicado em abril de 1908. O livro marcou a vida e o início de Montgomery como escritora bestseller.

Lucy Maud Montgomery nasceu no dia 30 de novembro em 1874, em Clifton, Ilha de Príncipe Eduardo, no Canadá (Figura 1).



**Figura 1** - Universidade Dalhousie, em Halifax, Nova Escócia. Universidade onde Lucy Montgomery se graduou em Literatura.  
Fonte: Dalhousie Vienes. Jpg. Wikipedia

Ficou órfã de mãe com quase dois anos de idade, quando passou a ser criada pelos avós rígidos e conservadores, deixada pelo pai que se mudou e constituiu família novamente, mais tarde, quando Maud estava com sete anos voltou a morar com o pai e a madrasta, com a qual não se dava bem.

Começou a escrever com nove anos, teve uma infância solitária e possuía uma imaginação brilhante, escrevia poesia, tinha muitos amigos imaginários e mantinha um diário. Estudou para se tornar professora na Prince of Wales College, formou-se após completar o curso na metade do tempo previsto.

Lucy M. Montgomery se tornou o retrato do sucesso em uma época em que as mulheres não conseguiam viver da escrita (Figura 4). Seu manuscrito *Anne de Green Gables* foi rejeitado por várias editoras no ano em que ela escreveu. Montgomery então guardou o manuscrito em uma caixa de chapéus por dois anos, quando decidiu novamente enviar para outras editoras. A obra enfim foi aceita pela L. C. Page, de Boston, Massachusetts, e publicada em 1908. Tornou-se bestseller

imediato. À medida que foi crescendo Muad começou a entender as demandas do público leitor e amadureceu ainda mais seus escritos. Abandonou a carreira de professora para se dedicar à carreira de escritora.



**Figura 4.** Lucy Maud Montgomery ainda na juventude. Fonte: Wikipédia

Em contraposto aos costumes da época, em que as mulheres casavam muito novas, Montgomery casou já com 37 anos com Ewan Macdonald (figura 2), com quem esteve noiva secretamente por cinco anos, após recusar três pedidos de casamento e muitos cortejos. Em seu diário e muitas cartas escritas percebemos como Maud era bem popular e bastante cortejada, possuía também amigos do sexo masculino. Montgomery parecia não priorizar o casamento durante sua juventude, sua paixão mesmo era a literatura. Ela estudou Literatura na Universidade de Dalhousie, em Halifax, Nova Escócia.



**Figura 2.** Lucy e Ewan no período em que casaram – Fonte: Linda Olson

Por fim, em 1911 aceitou o pedido do reverendo Ewan Macdonald. O casal então se mudou para Leaskdale, Ontário, onde Macdonald era ministro da Igreja Presbiteriana (Figura 3). Tiveram três filhos: Chester, Stuart e Hugh (natimorto). Lucy M. Montgomery também era ativa nos trabalhos ministeriais ao lado de seu esposo. Enfrentaram vários problemas no casamento e na vida como mãe e dona de casa, ela lutou por vários anos contra ansiedade e depressão.



**Figura 3.** Reverendo Ewan Macdonald em sua juventude – Fonte: S G Michael

Lucy M. Montgomery sofreu vários infortúnios na sua vida familiar, desde sua infância, sob os cuidados de seus avós extremistas e conservadores, com sua madrasta, e mais tarde, na vida de casada com suas tribulações do ministério presbiteriano além de cuidar de seu esposo com graves problemas mentais por anos, e ainda a perda de um filho.

Montgomery foi encontrada morta em sua cama em sua casa em Toronto, Canadá, no dia 24 de Abril de 1942. No seu atestado de óbito consta trombose coronária como a causa de sua morte, além de falência múltipla dos órgãos. Mas, sua neta, Kate Macdonald contou publicamente como Maud sofria de depressão e tirou sua vida através de overdose de drogas. Uma nota foi encontrada em sua mesa de cabeceira que dizia, em parte:

Perdi a cabeça por feitiços e não ouso pensar o que eu possa fazer  
sob o efeito deles. Que Deus me perdoe e espero que todos os  
outros me perdoem, mesmo que eles não consigam entender.  
Minha posição é muito horrível de suportar e ninguém percebe. Que  
fim de uma vida em que tentei sempre fazer o meu melhor.  
(Montgomery, Lucy Maud. 1942)

Esse trecho trata-se de anotações feitas por Montgomery antes de morrer, foram encontradas na mesa de cabeceira em seu quarto. É provável que ela estivesse tendo possíveis alucinações pelo efeito de barbitúricos e brometos, além de conhaque. A medicina da época ainda não tinha noção dos efeitos fatais dessas substâncias e prescreviam sem reservas. Os barbitúricos transformaram o tratamento da saúde mental quando se tornaram disponíveis em 1903, uma vez no mercado, eles se popularizaram rapidamente, muito antes de os médicos entenderem que eles são viciantes, com uma margem muito fina entre uma dose útil e uma letal. "Os barbitúricos eram tão comuns quanto a grama", diz Shorter, autor do livro *Before Prozac: The Troubled History of Mood Disorders in Psychiatry* (2009).

Em 2020, ano em que completava 78 anos desde a morte de Montgomery a Revista Maclean's, uma revista semanal de notícias canadenses escreveu um artigo sobre a morte de Maud:

Macdonald e Montgomery eram grandes consumidores de barbitúricos e brometos, prescritos por médicos para ansiedade, nervosismo e insônia. Montgomery escreveu copiosamente em seus diários sobre os medicamentos que eles tomavam e a deterioração física e mental crescente que acompanhava o uso de drogas. Montgomery morreu em 1942 do que sua família diz ter sido suicídio por overdose. (Nenhuma autópsia foi feita.) Ela tinha 67 anos.  
(Maclean's.ca. 2020, pag 23)

Montgomery escreve que seu esposo às vezes ficava tão confuso que ela tinha que lhe dar uma dose de vinho caseiro antes que ele pudesse sair cambaleando para fazer seu sermão. Às vezes psicótico e suicida, ele teve um de vários colapsos sérios enquanto estava em Norval, cada um acompanhado pelo uso pesado de medicamentos prescritos, de acordo com o que Maud escreveu em seus diários.

Com o avanço da ciência e do conhecimento em doenças e condições mentais e olhando através das lentes do conhecimento moderno, hoje podemos concluir que Lucy e seu esposo foram involuntariamente viciados e dependentes de medicamentos.

Montgomery foi homenageada como a primeira mulher no Canadá a ser nomeada um membro da Royal Society of Arts, na Inglaterra e a ser investida na Order of the British Empire, em 1935.

Lucy Maud Montgomery é considerada uma escritora feminista. Ela sempre lutou contra o sexíssimo e liberdade das mulheres usando a escrita como forma de disseminar suas ideias. Vários de seus trabalhos foram transformados em programas de televisão, desenhos animados e também filmes.



**Figura 6** Essa fotografia mostra Lucy Maud Montgomery já com idade um pouco avançada, no canto da foto temos a assinatura dela. Fonte: Wikipédia.

## 2.2. Anne de Green Gables, alter ego de Lucy M. Montgomery

Muitas são as semelhanças entre Anne e Lucy. Ambas ficaram órfãs ainda na primeira infância, tiveram uma infância solitária, e conviviam com alguns amigos imaginários. Os primeiros traços da personalidade, tais como a criatividade e a imaginação fértil, até as peripécias e teimosias são comuns à ambas.

Desde cedo a prática da escrita e leitura de Anne se confunde com Maud também. A província de Prince Edward Island foi cenário do crescimento de Anne, assim como de Lucy. Anne Shirley é uma personagem feminista, que lutava incansavelmente contra o sexíssimo. Montgomery sempre lutou contra o sexíssimo e a liberdade das mulheres, sempre teve a mente questionadora e bastante afiada, assim como Anne.

A inspiração para escrever Anne de Green Gables surgiu de uma notícia de jornal em que Maud lia à procura de artigos para trabalhar na Escola Dominical em sua igreja. Maud se deparou com um artigo que dizia: “Um casal de idosos adota uma menina por engano”. Naquele momento Maud deu vida a *Anne de Green Gables*, a menina que foi adotada por engano por um casal de irmãos idosos. O

rosto e aparência física de Anne foi inspirado em uma famosa triz, corista e modelo norteamericana Evelyn Nesbit. Maud recortou de uma revista e colou na parede do quarto a foto da atriz (Figura 5). Lucy criou Anne e colocou nela a sua própria alma e personalidade.



**Figura 5.** Imagem colorizada de Evelyn Nesbit, atriz que inspirou a aparência física de Anne Shirley. Fonte: Wikipédia

Anne e Lucy eram apaixonadas pela vida rural e as paisagens naturais e estonteantes da Ilha de Príncipe Eduardo. Lucy M. Montgomery escreveu com uma riqueza maravilhosa de detalhes cada pequena colina, pequeno arbusto, as alterações na vegetação pela mudança de estações, em suas palavras podemos sentir até mesmo a textura do vento e aroma das flores descritas que Anne tanto amava e colecionava assim como sua criadora Lucy Montgomery. Com isso Lucy transformou a Ilha de Príncipe Eduardo para sempre.

Depois da popularização de Anne de Green Gables, a ilha foi inundada com uma enxurrada de fãs do mundo inteiro desejando conhecer as paisagens e o lugar tão encantador em que viveu Lucy e Anne. O turismo movido pelos fãs de Anne é uma parte importante da economia local até hoje. A fazenda Green Gables realmente existe e está localizada em Cavendish, uma área rural do condado de Queens County, no centro da Ilha do Príncipe Eduardo. Muitas atrações turísticas na Ilha foram desenvolvidas com base em Anne. Balsam Hollow, a floresta que inspirou Haunted Woods e Campbell Pond, a massa de água que inspirou o Lago de Shining Waters, ambos descritos no livro, estão localizados nas proximidades. Além disso, o centro cultural canadense Confederation Centre of the Arts tem apresentado o

musical *Anne of Green Gables* em seu palco principal a cada verão nos últimos 48 anos.

### 3. Análise da Obra Anne de Green Gables

É indiscutível que as mulheres sofrem e sofreram opressão de diversas maneiras ao longo de toda a História. A posição das mulheres em todas as sociedades (exceto em sociedades matriarcais) é de inferioridade e sem espaço para o protagonismo. Em meados dos anos 1900, famosa Era Vitoriana, não era diferente, a época em que Lucy Maud Montgomery viveu e escreveu *Anne de Green Gables* e suas obras subsequentes, no Canadá, marcam um período em que as mulheres, ou meninas que demonstrassem inteligência, possuíam opiniões ou falavam o que pensavam eram demonizadas, excluídas, subjugadas, ridicularizadas, emudecidas, podadas. Nesse contexto, Lucy Maud criou Anne Shirley, uma criança órfã que perdeu os pais para uma doença infecciosa, demonstrando assim o quadro de saúde e medicina da época, crianças órfãs lotavam orfanatos aos montes, seus pais haviam morrido, as pessoas viviam pouco, faleciam jovens e repentinamente após ficarem resfriadas ou com febre, essas enfermidades eram comuns levarem a morte devida à falta de antibióticos, pois a medicina ainda não tinha se desenvolvido muito nesses casos. E essa ausência das figuras parentais também é um fator que forjou a personalidade forte e independente de Anne.

Anne Shirley teve sua primeira infância marcada pelo abandono e maus tratos, viveu em casas aonde servia como serviçal e saco de pancadas, um retrato também da época vitoriana no Canadá, as crianças não tinham voz, não eram respeitadas, a noção de infância era inexistente, a criança não era percebida socialmente. A representação de Anne, nesse contexto, é o reflexo de uma sociedade reproduzora dos padrões sexistas, em que o papel feminino estava programado historicamente, promovendo o estabelecimento da mulher sob a condição da imbecilidade, submissão e fragilidade, como escreve a filósofa Simone de Beauvoir (1970).

Observamos nas entrelinhas da obra de *Green Gables*, uma voz feminina por trás de personagens que refletem, criticam e quebram expectativas ao viverem fora dos padrões tradicionais da época.

A Literatura é indiscutivelmente uma fonte histórica de uma época, assim

como uma forma de luta e militância. A Literatura pode ser considerada um documento histórico pois reflete a sociedade em que foi criada, suas crenças, costumes, valores, hábitos, visões de mundo e comportamento, é um produto do tempo em que foi escrita. Nesse sentido Simone de Beauvoir escreve a importância do escritor como denunciante do que acontece na sociedade, atuando, muitas vezes como alguém que incomoda em *O Segundo Sexo*, Vol. 2: A Experiência Vivida (1980). Ela escreve "*O escritor original, enquanto não morre, é sempre escandaloso.*"

Por isso vemos em vários momentos obscuros da humanidade a queima e destruição em massa de livros e bibliotecas, pois os Soberanos a fim de escravizar mentalmente e até mesmo fisicamente, destroem sua cultura e sua literatura. Gerda Lerner explica:

Para a manutenção do paternalismo (e da escravidão) é essencial convencer um grupo subordinado de que seu protetor é a única autoridade capaz de suprir suas necessidades. É, portanto, de interesse do senhor manter o escravo na ignorância sobre seu passado e futuros alternativos.

(Gerda Lerner. A Criação do Patriarcado.2019.p. 292)

Sobre isso podemos perceber a relutância das editoras no período préfeminismo em contratar escritoras mulheres, assim como aconteceu com Lucy Montgomery ao escrever *Anne de Green Gables*.

Além de ser uma obra em que encontramos padrões de protagonismo feminino, percebemos também que a obra se sobressai aos demais títulos infantis e juvenis da época, por mostrar a personagem principal uma criança que no auge da sua infância ousa pensar criticamente. Anne era uma criança extremamente falante e que usava palavras complexas e de difícil compreensão até mesmo para os adultos, pois tinha um vocabulário vasto e muito rico nutrido pelo seu hábito de leitora, e isso era mal visto e criticado pelos adultos e até mesmo pelas outras crianças. "Tenha dó e feche o bico – disse Marilla – Você fala demais para uma garotinha" (Montgomery, Anne de Green Gables, 1908, p. 63).

Anne de Green Gables de fato é um vivo e sagaz comentário sobre o mundo fundado nos princípios vitorianos, é tecido de alusões às normas e às ideias da época contestadas pela inocente personagem principal, para a qual as convenções sociais parecem não existir. Anne Shirley está muito longe de ser uma criança ideal. A paixão de viver, a capacidade de apreciar o dia de hoje e a tagarelice da menina,

que muito provavelmente seja uma criança de temperamento sanguíneo, esse comportamentos causam desconfiança, pois não correspondem às normas contemporâneas da educação, segundo as quais uma criança deveria ser vista, mas nunca ouvida.

Vemos também em Anne o sofrimento e aflição por causa de sua aparência, Anne se afligia muito com sua aparência física e nata nos fazendo lembrar e refletirmos sobre a “ditadura da beleza” imposta às mulheres nas sociedades patriarcas. Anne, apesar de ser bonita naturalmente, desejava ardenteamente ser diferente e bonita de acordo com os modelos estéticos do começo século XX, a ruiva e sardenta menina cai na armadilha da própria sociedade hipócrita, que de um lado valoriza qualidades externas e de outro condena a vaidade.

Percebemos no decorrer de toda a obra a preocupação e a insatisfação de Anne com sua aparência, mais precisamente no capítulo 27 podemos acompanhar um episódio em que Anne, por engano e pelo desejo de alterar a cor dos cabelos pinta-os de verde enganada pelo vendedor que lhe vendeu como preta a tinta de cabelo. Na ocasião, após de irremediavelmente cortar os cabelos, Anne aprende a dolorosa lição da auto aceitação.

Anne Shirley foi adotada por engano pelos irmãos Marilla e Matthew Cuthbert, supreendendo também pela constituição familiar fora dos padrões, sendo Marilla e Matthew irmãos solteiros e não um casal, a intenção inicial dos dois era adotar um menino para ajudar no trabalho braçal da fazenda, porém, por equívoco Anne é enviada no lugar do esperado menino, mas logo de imediato conquista o coração do tímido e pouco falante Matthew, Marilla foi se afeiçoando aos poucos a Anne, sua imaginação aflorada e pensamentos reflexivos e questionadores inquietavam Marilla até certo ponto, no entanto, Anne despertou em Marilla um sentimento maternal adormecido já há muitos anos. Apesar de ser prática, tradicionalista e de consciência severa, Marilla pratica uma educação parental que foge um pouco dos padrões da época, onde as crianças eram severamente castigadas com surras e castigos físicos ao cometerem traquinagens. No caso, Marilla se recusa castigar Anne dessa forma, embora receba conselhos para isso, mas optou usar outros métodos de disciplina, apesar de sua rigidez.

Sobre a Educação exercida por Marilla, podemos observar também uma certa “inovação”, pois, num tempo em que as crianças eram rigidamente castigadas com surras, torturas e até castigo com falta de alimento, isso era normal na época. O

que hoje em dia costumamos ficar horrorizados acontecia de forma espontânea e acreditava-se que era o correto. Errado era quem pensava ou fazia diferente. A Educação Parental da época seguia um conceito e influência da Pedagogia Nebulosa que surgiu ainda na Idade Média. Nessa Pedagogia Nebulosa, as crianças são consideradas pequenos monstros, e que realmente elas eram possuídas pelos demônios da desobediência e rebeldia. Por isso, esses mal comportamentos deveriam ser de forma rígida, sem dó nem piedade expurgado da criança. Percebemos que Marilla, apesar de ter uma preocupação enorme com a boa educação de Anne, e mesmo com sua pouquíssima experiência com crianças, prefere dialogar e ensinar sem castigos físicos. Marilla tem um olhar subjetivo frente aos comportamentos inadequados de Anne, ela se enche de íntima compaixão ao perceber que a criança precisa de orientação amorosa, pois a vida toda Anne sofreu apenas maus tratos e por isso nunca teve a oportunidade de aprender os bons modos e a educação que toda criança deveria ter.

O protagonismo de Anne diferente do que é proposto nos contos de fadas, é de um posicionamento que se distancia das princesas clássicas, tendo em vista que nas primeiras páginas da obra a menina recusa esse papel de fragilidade ao ser identificada com uma beleza que foge aos padrões convencionais da literatura infantil e juvenil. É a partir do contato com os livros que Anne demonstra uma maneira própria e empoderada do pensamento feminino, distanciando-a dos padrões machistas, representando resistência à predominância às relações de gênero, da perpetuação de subordinação da mulher, do bullying e padrões de beleza pré-estabelecidos socialmente. A protagonista Anne, assim como alguns personagens que a cercam, tecem duras críticas aos padrões sociais estabelecidos e principalmente às condições patriarcas, no final do capítulo 22 os moradores de Avonlea são surpreendidos com a chegada da nova professora.

A diretoria da escola contratou um novo professor, uma mulher. Ela  
se chama Srt<sup>a</sup>. Muriel Stacy. Não é nome romântico? A Sr<sup>a</sup> Lynde  
disse que Avonlea nunca teve uma mulher como professor antes, e  
que achava essa inovação perigosa. Mas eu acho que será  
esplendido termos uma professora.  
(Montgomery, Anne de Green Gables, 1908, p 276)

A nova professora, além de ser mulher, formada e solteira, ainda possuía inovadores métodos de ensino nada convencionais, o que foi duramente criticado

pelos moradores de Avonlea, com exceção dos alunos que adoravam suas aulas. Podemos analisar e perceber um toque bem íntimo e familiar da escritora nesse episódio. Maud se tornou professora contrariando sua família. Depois de sua formação básica na ilha, ela decidiu o seu futuro profissional, o que não acontecia predominantemente na vida das mulheres, uma vez que eram os homens, principalmente os pais ou responsáveis do sexo masculino, que dominavam qualquer decisão na vida de suas filhas, que frequentemente casavam cedo e constituíam família antes de terminarem os estudos.

Maud contraria o repúdio absoluto que o avô tinha com relação a mulheres que se tornavam professoras, pois defendia que as mulheres deveriam ser destinadas a cuidarem de suas casas e filhos. Em sua biografia percebemos a rigidez dos costumes e como seu avô se recusava a custear as despesas do curso para Lucy M Montgomery:

Ensinar era uma carreira óbvia para uma estrela articulada como Maud. “O seu avô Macneill, tinha uma antipatia irracional por professores do sexo feminino, e se negou a pagar para enviar Lucy, até então com dezesseis anos, para Charlottetown, onde acontecia o curso de formação dos professores.” (RUBIO e WARRESON, 1995, TRADUÇÃO NOSSA, p 25).

### **3.1. A mulher na sociedade em 1876 – Contexto histórico da época de Anne de Green Gables.**

Canadá era uma colônia da Inglaterra, comandada pela rainha Vitória, na famosa “era vitoriana”. A relativa independência do Canadá se deu – para legislar, se autogovernar - em 1867, através do documento histórico “The British North America Act” BNA Act. Esse documento detinha todas as leis vigentes para regulamentar o Canadá, e nele excluíam as mulheres de muitos direitos.

A educação superior era praticamente inacessível para as mulheres. Emily Stowe, a primeira mulher a exercer medicina no Canadá precisou se mudar para os Estados Unidos para cursar medicina, pois foi rejeitada ao tentar entrar no curso de medicina na Escola de Medicina de Toronto, na ocasião ela foi informada por seu vice-diretor que: “As portas da universidade não estão abertas para mulheres e acredito que nunca estarão”.

Essa era a sociedade canadense no final do século XIX e início do século

XX. Uma sociedade extremamente machista, conservadora e puritana. O patriarcado baseava-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis.

Lucy Montgomery viveu na época em que o sufragismo, ainda que de forma bem tímida, começou a adentrar no Canadá. Emily Stowe, citada acima é considerada a mãe do sufrágio feminino no Canadá.

Os anos em que viveu a escritora e a época histórica em que se passa a obra coincidem com a Primeira Onda do Feminismo que data do final do século XIX. Levando em consideração que o Reino Unido foi palco do nascimento das ideias feministas, o Canadá, como colônia recebia influência dessas ideias. Embora muitas mulheres daquele período não saberiam dizer se eram feministas ou não, mas os conceitos iluministas revelados na época e defendidos pela Primeira Onda do Feminismo já estava enraizado no comportamento e no desejo de liberdade de muitas mulheres naquela época no Canadá e ao redor do mundo. A ideia de emancipação da mulher expressava o desejo de liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo. Liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo significa liberdade das restrições biológicas e sócias, ser livre para decidir o próprio destino, para definir seu papel social, ter a liberdade de tomar decisões referentes ao próprio corpo, conquistar o próprio *status*, não obtê-lo por meio de herança ou casamento, independência financeira, liberdade em escolher seu estilo de vida, tudo isso sugeria uma transformação radical de valores, teorias e instituições existentes.

O livro *Anne de Green Gables* foi publicado em 1908, nesse ano as mulheres não podiam votar no Canadá, elas só conquistaram esse direito a partir de 1918 em algumas províncias, até o ano de 1940 as mulheres no Quebec ainda não tinham direito de votar. Além de que o direito ao voto ainda restringia grande parte das mulheres como, por exemplo, as asiáticas e indígenas.

O Estado era organizado no formato do patriarcado, os homens detinham todos os direitos e controle sobre as mulheres. É importante definir e explicar o termo patriarcado. Em seu significado limitado, patriarcado se refere ao sistema, derivado historicamente do direito grego e romano, o chefe de família tinha total poder legal e econômico sobre seus familiares dependentes, mulheres e homens. O patriarcado começou na Antiguidade clássica e terminou no século XIX, com a outorga de direitos civis para mulheres, em particular as casadas.

Porém, a dominância patriarcal de chefes de famílias homens sobre seus parentes é muito mais antiga que a Antiguidade Clássica, ela começa no terceiro milênio a.C. e além disso, pode-se defender que, no século XIX, a dominância masculina na família apenas tomou novas formas, sem ter conhecido o seu fim. Então a definição limitada do termo ‘patriarcado’ tende a impedir a definição precisa e a análise de sua presença contínua no mundo de hoje. como explicou Gerda Lerner, em A Criação do Patriarcado. Ela escreveu:

Patriarcado, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e  
institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e  
crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na  
sociedade em geral. (Gerda Lerner. A Criação do Patriarcado. 2019. p. 290)

A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade. As mulheres eram excluídas da participação na vida política da província. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua. A prática comum de homens na casa dos 30 se casarem com moças adolescentes reforçava a dominância masculina no casamento. As mulheres eram restritas com rigor em termos de direitos econômicos, a principal função da esposa era de produzir herdeiros homens e de supervisionar a casa do marido. A castidade antes e durante o casamento era imposta com rigor sobre as mulheres, mas os maridos tinham a liberdade de desfrutar gratificação sexual com outras mulheres, as mulheres não podiam pedir o divórcio, o homem sim. Mulheres respeitáveis passavam a maior parte da vida dentro de casa, enquanto os homens da mesma classe passavam maior parte do tempo em espaços públicos. A principal exceção ao confinamento doméstico de mulheres era a participação delas em festivais religiosos, casamentos e enterros.

As mulheres podem ser descritas como oprimidas, pois a elas eram negados direitos legais como o voto, e liberdade sexual, como direito de controlar a própria reprodução. Práticas discriminatórias na educação constituem opressão, uma vez que tais restrições, na época, eram impostas para beneficiar grupos específicos de homens . Pode-se dizer que mulheres as mulheres casadas eram subordinadas aos homens em relação a seus direitos legais e seu direito à propriedade, além de serem costumeiramente estupradas por seus

maridos, uma vez que a mulher não podia recusar relação sexual em hipótese alguma, pois era seu dever manter relações sexuais sempre que o homem desejasse. Além disso, as mulheres eram também subordinadas aos homens em associações voluntárias e em instituições religiosas, como em igrejas.

O discurso de que as mulheres estão à margem da criação da história e da civilização afetou de forma profunda a psicologia de homens e mulheres. Deu ao homem uma visão distorcida e essencialmente errônea do seu lugar na sociedade humana. Para as mulheres mais cultas, a história pareceu durante milênios oferecer apenas lições negativas e nenhum precedente para exemplos significativos de ação, heroísmo ou libertação.

Em resumo, a história revela que o período histórico vivenciado por Lucy Montgomery enquanto viveu e enquanto escrevia *Anne de Green Gables* foi um mundo em que as mulheres eram consideradas menores, inferiores, confinadas ao espaço doméstico e irrelevantes.

#### **4. Considerações Finais**

As mulheres ainda são consideradas como um grupo minoritário, no entanto "há tantos homens quantas mulheres na terra" (BEAUVoir, 1970, p. 12), todavia devido a simples condição de ser mulher, o sexo feminino ainda é visto como frágil e inferior, constituindo assim uma dificuldade de acesso ao protagonismo, haja vista que existe uma lacuna enorme na História sobre as realizações femininas, sendo estrategicamente tolhidas e apagadas.

Segundo Simone de Beauvoir (1970, p.14), autora importante nesse campo "a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições", ou seja, a mulher sempre teve um papel secundário, principalmente no que diz respeito à sua condição legal, uma vez que a mulher tinha que dedicar-se exclusivamente ao lar e à família e isso era legalmente imposto pela lei como também pela doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção.

As mulheres participam no processo de subordinação passivamente porque internalizam a ideia de inferioridade. Como apontou Simone de Beauvoir: "o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos". Devido a isso, que houve a necessidade de criar movimentos que lutam para vencer a desigualdade de gênero e seus reflexos.

Dados da OMS asseguram que: Entre 15% das mulheres no Japão e 71% das mulheres na Etiópia relataram terem sofrido violência física e/ou sexual por parte de um parceiro em sua vida. A primeira experiência sexual foi forçada em muitos casos (17% das mulheres na Tanzânia rural, 24% no Peru rural e 30% em zonas rurais de Bangladesh indicaram que sua primeira experiência sexual foi forçada).

Uma análise conduzida pela OMS junto à London School of Hygiene and Tropical Medicine e ao Medical Research Council, baseada em dados de 80 países, descobriu que, em todo o mundo, quase um terço (30%) de todas as mulheres que estiveram em um relacionamento sofreram violência física e/ou sexual por parte de seu parceiro. As estimativas de prevalência variam de 23,2% nos países de alta renda e 24,6% na região do Pacífico Ocidental para 37% na região do Mediterrâneo Oriental da OMS e 37,7% na região do Sudeste Asiático.

Além disso, 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros em todo mundo. A autora de *A criação do patriarcado*, Gerda Lerner também lembra algo que pode ser observado com facilidade por qualquer pessoa que tenha irmão e irmã: se você quiser saber o nível de liberdade e independência de uma mulher, compare-o com o do irmão dela. Posso afirmar categoricamente que a diferença entre irmãos por causa do gênero é gritante, pois sofri isso por toda infância e ainda sinto na vida adulta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beauvoir, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos, vol 1 (1949). Tradução Sérgio. Milliet – 3º edição – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira

BRASIL. *Há 183 anos, o reinado da Rainha Vitória começava*. Disponível em: [www.gov.br/bn/pt-br/central-se-conteudos/notícias/há-183-anos-o-reinado-da-rainha-vitória-começava](http://www.gov.br/bn/pt-br/central-se-conteudos/notícias/há-183-anos-o-reinado-da-rainha-vitória-começava). Acesso em: 9 dez. 2024.

Forster, Merna (2004). 100 Canadian Heroines: Famous and Forgothhen Faces. Toronto: Dundurn Group. p. 53

Friedan, Betty, 1963. A mística feminina; tradução : Áurea B. Weissenberg. – Rio de Janeiro. Editora Vozes Limitada, 1971

Gammel, Irene (2008), Looking for Anne of Green Gables: The story of L. M. Montgomery and her literature classic, New York:St Martin´s Press

Lerner, Gerda, 1920 – 2013. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens/Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

Martin, Ged (1995). Britain and the Origins of Canadian Confederation, 1837-67. Vancouver: University of British Columbia Press. p. 1

MENSCHIK, Jutta (Org.). *Grundlagenexte Zur Emanzipation Der Frau*. 1. ed. Verlag Pahl-Rugenstein, 1977.

Murray, Margaret (1921) The witch-cult in western Europe; a study in Anthropology – Oxford University Press

Pavalac, Brian A. (2009) Witch hunts in the western world: persecution and punishment from the inquisition through the Salem trials. Greenwood Publishing Group. p. 4

Rawlinson, H Graham, and J. K. Granatstein. The Canadian 100, The 100 Most Influential Canadians of the 20th Century. Toronto:Little, Brown & Company (Canada) Limited. 1997. P. 145

Strong-Boag, Verônica. The Last Suffragist Standing: The life and Times of Laura Marshall Jamieson (2018)

## ANEXOS



**Figura 1.** Universidade Dalhousie, em Halifax, Nova Escócia. Universidade onde Lucy Montgomery se graduou em Literatura.

Fonte: Dalhousie Vienes. Jpg. Wikipedia



**Figura 2.** Lucy e Ewan no período em que casaram – Fonte: Linda Olson



**Figura 3.** Reverendo Ewan Macdonald em sua juventude – Fonte: S G Michael



**Figura 4.** Lucy Maud Montgomery ainda na juventude. Fonte: Wikipédia



**Figura 5.** Imagem colorizada de Evelyn Nesbit, atriz que inspirou a aparência física de Anne Shirley. Fonte: Wikipédia



**Figura 6** Essa fotografia mostra Lucy Maud Montgomery já com idade um pouco avançada, no canto da foto temos a assinatura dela. Fonte: Wikipédia.